A SUBLIMAÇÃO ENTRE O PARADOXO E A FUNÇÃO META

Ramon Souza
Daniel Kupermann

Não é novidade que a investigação do tema da sublimação na obra freudiana parece estar cercada de contradições teóricas. Vários autores, a começar por Laplanche & Pontalis (2001) em seu Vocabulário de Psicanálise, apontam para "uma ausência de uma teoria coerente da sublimação" (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 497). Uma das dificuldades dessa apreensão conceitual "é o fato da sublimação ter se tornado uma espécie de conceito curinga da teoria psicanalítica" (KUPERMANN, 2003, p.66), ou seja, o psicanalista dispõe do conceito para refletir acerca das várias dimensões: "constituição da subjetividade", "produções artísticas e culturais" e a "teoria da clínica e da cura analíticas" (idem).

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho, para além de apresentar um panorama conceitual do processo sublimatório a partir das chamadas incoerências e paradoxos, é explorar a riqueza conceitual de um processo, por vezes obscuro, através de outras dimensões teóricas – como é o caso dos estudos que enfatizam o estatuto representacional da sublimação.

Desde as primeiras tentativas de entendimento do conceito, ainda no contexto dos *Três ensaios sobre a sexualidade infantil*, Freud (1905/1996) compreende o processo sublimatório como sendo um "desvio das forças pulsionais sexuais" (FREUD, 1905/1996, p.78-79) para novos alvos – não sexuais. O processo, nesse momento, "entra em jogo no desenvolvimento de cada indivíduo" (idem), tendo como momento inaugural o período de latência sexual da infância.

Não tarda para Freud atribuir o caráter de nobreza e elevação desse mecanismo psíquico, que passa a ser característica de "pessoas altamente dotadas, sobretudo as de

disposição artística" (FREUD, 1905/1996, p. 140-141). Apesar de admitir, já em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, que é a "constituição inata de cada indivíduo" (FREUD, 1908/1996, p. 150-151) a responsável pela parte da pulsão sexual que será possível sublimar, Freud deixa claro que o "domínio da pulsão pela sublimação, defletindo as forças pulsionais sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados, só pode ser efetuado por uma minoria, e mesmo assim de forma intermitente" (FREUD, 1908/1996, p.156). Para os demais, restaria apenas o talento sofrido da neurose e a saudade dos bons tempos de sublimação na época de latência sexual.

Essa concepção de sublimação, erguida no contexto do paradigma repressivo que rege a primeira tópica, tem como fundamento a renúncia pulsional. Trata-se, na verdade, de "uma defesa, ainda que a mais elevada modalidade de defesa da qual poderiam dispor alguns psiquismos privilegiados e estaria submetida ao princípio de realidade e suas exigências" (KUPERMANN, 2003, p. 68).

Ainda no artigo de 1908, Freud se depara com uma dificuldade na relação entre satisfação sexual e sublimação. Ao levar em conta que a quantidade de sublimação possível varia entre os indivíduos e – mesmo entre as profissões –, ele se dá conta que é "difícil conceber um artista abstinente, mas certamente não é nenhuma raridade um jovem savant abstinente" (FREUD, 1908/1996, p.181) (para citar diretamente é necessário colocar o número da página). Este último, continua Freud, "consegue por sua autodisciplina liberar energias para seus estudos, enquanto naquele provavelmente as experiências sexuais estimulam as realizações artísticas" (FREUD, 1908/1996, p.181). Em outras palavras, admite-se que não é preciso ser abstinente para criar – principalmente quando se trata de criação artística –, o que coloca em cheque a concepção de sublimação como dessexualização em prol de um processo mais erotizado

de criação (FREUD, 1908/1996).

Estamos aqui diante de dois paradoxos em torno do processo sublimatório: 1) em relação à satisfação sexual, há ou não renúncia?; 2) a sublimação é considerada um dom para poucos, mas também possui um caráter constitutivo (como é sugerido através do período de latência). Cabe ressaltar que esses impasses exigem a exploração de outros momentos do pensamento freudiano, a começar pelo estudo sobre *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910).

O texto traz a marca da ambivalência quando trata da questão da sexualização durante o mecanismo sublimatório. Ao mesmo tempo em que Freud ratifica o desprovimento de sexualidade na sublimação, ele descreve o processo de libidinização que ocorre na criação. Vale a pena citar Freud (1910/1996) diretamente:

> É verdade que nele também existe o recalque sexual, mas ele não consegue relegar para o inconsciente um componente pulsional do desejo sexual. Em vez disso, a libido escapa ao destino do recalque sendo sublimada desde o começo em curiosidade e ligando-se à poderosa pulsão de pesquisa como forma de se fortalecer. Também nesse caso a pesquisa torna-se, até certo ponto, compulsiva e funciona como substitutivo para a atividade sexual (FREUD, 1910/1996, p.147-148).

Freud aparentemente aponta “a diferença entre a sublimação erótica que tem lugar na criação artística, na qual a paixão sensual é a principal fonte de inspiração, e a preocupação pesquisadora compulsiva, aproximada do sintoma obsessivo, produto do recalque e da inibição intelectual” (KUPERMANN, 2003, p.81).

A impressão é que a teoria freudiana da sublimação segue rumo a um processo de erotização. No entanto, em algumas outras passagens, Freud sustenta a nossa dúvida. Dois anos depois, em *Tipos de desencadeamento da neurose*, por exemplo, ele volta a afirmar que na sublimação é preciso “renunciar à satisfação libidinal, sublimar a libido represada e voltá-la para a consecução de objetivos que não são mais eróticos e fogem à

frustração” (FREUD, 1912/1996, p.250).

Com o texto de 1914, *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, ao tratar de uma diferenciação entre os processos de sublimação e idealização, Freud volta a nos conduzir a uma via erotizada: enquanto a sublimação é definida como um processo ligado à libido de objeto, a idealização está associada ao objeto propriamente (engradecendo-o, exaltando-o). “Na medida em que a sublimação descreve algo que tem que ver com a pulsão, e a idealização, algo que tem que ver com o objeto, os dois conceitos devem ser distinguidos um do outro” (FREUD, 1914/1996, p. 161-162)., complementa Freud ressaltando que as forças repressivas atuam durante o processo de idealização, o que não ocorre na sublimação

Não há dúvida de que é somente com a segunda tópica, mais especificamente com o advento da pulsão de morte, que temos um avanço mais consistente na compreensão da sublimação. Vale lembrar que, apesar de tentador, nosso interesse não é a busca de uma teoria completa e unificada da sublimação, mas sim acompanhar o quanto o caráter paradoxal acompanha a evolução conceitual de um conceito no pensamento freudiano, contribuindo para um enriquecimento da própria teoria psicanalítica.

No texto sobre *O Ego e o Id*, de 1923, temos um momento importante no “desenvolvimento” do conceito de sublimação. No contexto em que procura entender a dinâmica de relações entre as instâncias da segunda tópica – mais particularmente no que diz respeito à gênese do superego –, Freud introduz um elemento novo no processo sublimatório: a desfusão pulsional. Para ele, “na medida em que, depois de uma sublimação, o componente erótico já não tem mais a força de enlaçar e capturar toda a destrutividade a ele acrescentada, esta última se libera na forma de tendência agressiva ou destrutiva” (FREUD, 1923/2007, p.62).

A ideia de uma sublimação perigosa nos conduz a um outro paradoxo: a reflexão da parcela de destrutividade presente nas criações. Eis a via percorrida por alguns pesquisadores contemporâneos, como é o caso de Ana Cecília Carvalho (2010) e o seu estudo sobre os limites da sublimação na criação literária. Ana Cecília enfatiza a desfusão pulsional envolvida na sublimação para sustentar a hipótese de uma toxidez na escrita de autores suicidas (Sylvia Plath, David Foster Wallace): "Os textos desses autores suicidas dão testemunho da qualidade da mobilização exigida diante da ameaça de transbordamento dos elementos destrutivos que agem em silêncio, no sentido do desligamento e da não representação, e que a escrita ao mesmo tempo veicula e elabora" (CARVALHO, 2010, p.13).

O que o estudo de Ana Cecília enfatiza – suscitado pelo artigo freudiano de 1923 – é a ambivalência do conceito de sublimação que, de destino sadio associado à criação, também tem o poder de liberar forças destrutivas pertencentes ao domínio da pulsão de morte. Contudo, este não é o único paradoxo latente que o texto sobre o ego e o id carrega.

Em relação à temática da dessexualização, aparentemente há uma solução sugerida. Poderíamos pensar em dois tempos do processo sublimatório – dessexualização e ressexualização – mediados pelo trabalho de luto. No primeiro deles, ocorreria a dessexualização propriamente dita, ou seja, "o sujeito experimentaria um desligamento dos objetos que, até então, mereceram o investimento de sua libido do objeto (ou sexual)" (KUPERMANN, 2010, p. 14). A libido desligada retornaria ao ego (libido do ego). "Essa introversão da libido é, também – por meio de um mecanismo muito pouco elucidado que só pode ser nomeado de trabalho de luto –, a condição para que o sujeito crie novos objetos de investimento, metamorfoseando a libido do ego mais uma vez em libido sexual" (KUPERMANN, 2010, p. 14). Nesse caso, o trabalho de luto

teria papel fundamental na proteção contra os perigos da desfusão pulsional durante o movimento sublimatório.

Gostaríamos, por fim, de chamar atenção para um ponto ainda não desenvolvido em nosso trabalho: a saber, trata-se da dimensão constitutiva da sublimação que, como vimos, parece ser um paradoxo – se por um lado o mecanismo é reservado a poucos talentosos, por outro há indícios de processo comum a todos. Um desses indícios – além do estágio de latência sexual – pode ser encontrado no artigo *O Ego e o Id* pode ser explorado através da afirmativa de que a sublimação é mediada pelo ego e atuaria no processo de identificação.

A ideia de uma espécie de sublimação constitutiva nos conduz àquilo que o psicanalista italiano Francesco Conrotto denominou de "investimento da representação da representação" e estaria próxima da simbolização, com a diferença que na sublimação "toda satisfação direta é interdita em prol do desenvolvimento de atividades espirituais", enquanto na simbolização haveria "um quantum de prazer sexual direto" (CONROTTO, 2005, p.1533). Apesar dessa distinção parecer questionável e insuficiente, é interessante pensar a sublimação a partir de uma função meta – associada à representação –, o que permite caracterizá-la como um movimento de distanciamento e reflexividade também ligado ao pensamento e à linguagem.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Ana Cecília. A toxidez da escrita como um destino da sublimação em David Foster Wallace. In: **Psicol. USP**, São Paulo, v. XXI, n. 3, p. 513-530, setembro de 2010.

CONROTTO, F. La sublimation: un fonctionnement psychique de base? In : **Revue française de psychanalyse**, Paris, v. LXIX, p. 1531-1537, maio de 2005.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud,** v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Moral sexual civilizada e doença sexual moderna (1908) In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud,** v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910) In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud,** v. 11 . Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Tipos de desencadeamento da neurose (1912) In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud,** v. 12 . Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sobre o narcisismo (1914) In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud,** v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. O Ego e o Id (1923).In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

KUPERMANN, D. **Ousar rir: humor, criação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KUPERMANN, D. Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. In: **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. XXII, n. 1, p. 193-207, junho de 2010.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J-B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOBRE OS AUTORES

Ramon Souza. Psicanalista, doutorando do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP (bolsista Fapesp) e especialista em teoria psicanalítica pela PUC/Cogeae – SP.

Daniel Kuperman. Psicanalista, professor do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP e autor dos livros Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica e Ousar rir: humor, criação e psicanálise, publicados pela editora Civilização Brasileira.